

**VIAGEM AO
PRINCÍPIO
IDA E VOLTA
30 ANOS DA
COLEÇÃO DE
SERRALVES**

**VOYAGE TO THE BEGINNING AND BACK
30 YEARS OF THE SERRALVES COLLECTION**

VIAGEM AO PRINCÍPIO: IDA E VOLTA. 30 ANOS DA COLEÇÃO DE SERRALVES

Assinalando o 30.º aniversário da Fundação de Serralves, esta exposição apresenta obras que têm um significado e um lugar destacados na génese e na história da Coleção e do Museu – porque fizeram parte do núcleo seminal de obras reunidas com vista à sua constituição, porque foram produzidas especificamente para Serralves, porque tiveram a sua primeira apresentação pública no Museu, ou, finalmente, porque aí integraram grandes exposições individuais que constituíram momentos fundamentais quer do percurso dos artistas quer da história da instituição.

Viagem ao Princípio: Ida e Volta, que se desenrola no Museu, Casa e Parque de Serralves, mostra, desde logo, alguns dos artistas que estiveram ligados à Fundação desde os seus primórdios e cujas obras integraram o núcleo para uma coleção constituído pela então Secretaria de Estado da Cultura, nomeadamente **Álvaro Lapa** (Évora, 1939-2006, Porto), **António Dacosta** (Angra do Heroísmo, 1914-1990, Paris, França) e **Ângelo de Sousa** (Maputo, Moçambique, 1938-2011, Porto). Ao mesmo tempo, exibem-se artistas que foram apresentados na exposição inaugural do Museu em 1999, *Circa 1968* – “exposição manifesto” que apresentou as diretrizes fundamentais da programação de Serralves e cujas obras, em grande parte adquiridas, viriam a constituir o núcleo histórico da sua Coleção: **Richard Serra** (São Francisco, EUA, 1938), **Christian Boltanski** (Paris, França, 1944) e **Mangelos** (Šid, Sérvia, 1921-1987, Zagreb, Croácia). Estes dois últimos estabelecem nesta exposição um diálogo com obras de jovens artistas, cujos trabalhos também se relacionam com as ideias de arquivo e de memória: **Mariana Silva** (Lisboa, 1983) e **Mathieu Kleyebe Abonnenc** (Caiena, Guiana Francesa, 1977). Da primeira apresenta-se um projeto originalmente apresentado

no Museu de Serralves em 2008 e que permite aos visitantes visionarem imagens de arquivo respeitantes a ações de rua (manifestações, pinturas coletivas de murais) no Portugal pós-revolução dos cravos (25 de Abril de 1974); do segundo apresenta-se um filme realizado para a sua exposição individual em Serralves, em 2012, através do qual se pode refletir sobre a história recente de Portugal enquanto país colonizador (o último país europeu a sair do continente africano, depois de 1974).

Outro diálogo premeditado é aquele que reúne pinturas de **Joaquim Rodrigo** (Lisboa, 1912-1997), desenhos e esculturas de **Alberto Carneiro** (São Mamede do Coronado, 1936-2017, Porto) e fotografias de **Hamish Fulton** (Londres, Reino Unido, 1946). Aproxima os trabalhos destes artistas a relação com a ideia de viagem, o facto de produzirem obras a partir de percursos na paisagem, de permitirem repensar a relação da arte com a natureza.

Mais à frente na exposição, encontramos obras de **Pedro Cabrita Reis** (Lisboa, 1956) e de **Charlotte Moth** (Carshalton, Reino Unido, 1978) que, na galeria do museu mais iluminada, pensam a relação da arte com a luz, justamente. Do primeiro apresenta-se um grande painel composto por placas de plexiglass – um material industrial iminentemente refletor; de Charlotte Moth mostra-se um filme realizado para a sua exposição em 2011, no qual uma grande variedade de objetos reage a diferentes iluminações. Destaque-se que este trabalho foi produzido durante uma residência artística no Porto, e que reflete, sem dela mostrar imagens, a cidade que a artista então descobriu: os referidos objetos foram adquiridos por Moth em lojas de segunda mão, que na altura abundavam numa localidade que era caracterizada por ser uma espécie de máquina do tempo onde facilmente se encontravam artigos – mas também edifícios, lojas, pequenas indústrias – hoje considerados obsoletos. Muito

concretamente sobre a cidade são as fotografias de **André Cepeda** (Coimbra, 1976), que podemos encontrar quase imediatamente depois deste *Study for a 16 mm film* [Estudo para filme de 16 mm] de Charlotte Moth. Estas séries fotográficas resultam de uma encomenda efetuada no âmbito da exposição *Processo SAAL: Arquitetura e Participação 1974-76*, que foi apresentada no Museu de Arte Contemporânea de Serralves em 2014. O SAAL, acrónimo de Serviço Ambulatório de Apoio Local, desenvolveu no período pós-revolucionário portugueses projetos de habitação social que se fundamentavam na participação ativa das comunidades para as quais eram construídos. Cepeda fotografou o estado atual de dois bairros construídos em resultado deste projeto arquitetónico: São Victor, da autoria de Álvaro Siza Vieira e Antas, de Pedro Ramalho.

Do Porto para o norte de Espanha, e ainda na fotografia, encontramos *Iberia*, de **Augusto Alves da Silva** (Lisboa, 1963). Realizada para a sua exposição individual no Museu de Serralves em 2009, a obra consiste na projeção de imagens realizadas pelo artista quando de uma viagem de carro através de estradas muito secundárias – aquelas que nenhum condutor utilizaria atualmente, por questões de comodidade e de velocidade, e que por isso nos dão a ver um universo ao qual os nossos olhos não estão habituados.

No Museu de Serralves também podemos ver dois trabalhos concebidos originalmente para espaços concretos da Casa de Serralves. De **Miroslav Balka** (Varsóvia, Polónia, 1958) e **Luc Tuymans** (Mortsel, Bélgica, 1958), *The Fence* [A vedação], apresentada em 1998 na exposição que juntou os dois artistas, e *Joana*, de **Ana Jotta** (Lisboa, 1946), exibido pela primeira vez em 2005 na sua mostra retrospectiva organizada por Serralves. O primeiro corresponde a uma vedação que convoca os horrores da II Guerra Mundial; *Joana* é um

candelabro feito de garrafas que empresta um carácter patético a um dispositivo de iluminação que associamos à distinção e ao luxo. Note-se ainda que as garrafas estão presas a aros de bicicleta suspensos do teto, pelo que a obra também pode ser lida como um comentário iconoclasta à história canónica da arte contemporânea, que elegeu como momentos heroicos, fundadores, duas obras de Marcel Duchamp associadas a rodas de bicicleta e garrafas: a *Roda de Bicicleta*, de 1913, e o *Secador de Garrafas*, do ano seguinte.

Estes projetos conduzem-nos a outro 'princípio': a Casa de Serralves – uma casa arte déco dos anos 1930 –, que foi palco de grandes exposições individuais, antes e depois da abertura do Museu em 1999, e se revelou desde o início como uma grande inspiração para projetos e obras que partiram da sua arquitetura e da sua história, ou que foram especialmente concebidos para os seus espaços. Nesta exposição são apresentadas algumas das obras nos sítios da Casa para os quais foram idealizadas, assim como obras anteriormente apresentadas noutros locais e agora aí instaladas, possibilitando novas leituras e diálogos. Entre os artistas que conceberam projetos especificamente para a Casa de Serralves destacam-se **Albuquerque Mendes** (Trancoso, 1953), **Richard Tuttle** (Rahway, EUA, 1951), **Pedro Barateiro** (Almada, 1979) e **Nick Mauss** (Nova Iorque, EUA, 1980), que aí expuseram em 2001, 2002, 2009 e 2017, respetivamente.

Albuquerque Mendes concebeu para a Casa uma obra que foi posteriormente integrada na Coleção de Serralves, *Tango*. Este trabalho serviu-lhe para trazer uma parte fundamental da sua prática, a performance ("A pintura não me chega", já afirmou o artista), para uma exposição que pretendia apresentar a sua obra de uma forma exaustiva. Ativada no dia da inauguração por uma dança que não deixava ao título qualquer margem para interpretações, a

obra permaneceu durante o restante período da exposição como uma escultura, ou como um palco vazio, ladeada por um monitor que apresentava em *loop* o registro em vídeo da performance, em que um casal de bailarinos de tango, depois de ser conduzido por Albuquerque Mendes até à plataforma, executa ao som de músicas célebres de tango complexas coreografias. A performance, depois de dançados três tangos, termina com a saída de 'palco' dos bailarinos e com a colocação de um elemento que desde esse momento passará a fazer parte do conjunto escultórico: um espelho circular com a medida exata da plataforma que, uma vez pousado sobre ela, incluirá todos os espectadores nesta obra. São mesmo precisos dois para se dançar o tango.

A exposição de **Richard Tuttle** na Casa de Serralves em 2002, *Memento*, apresentou alguns projetos especificamente concebidos em função dos seus espaços arquitetónicos, para além de uma seleção dos trabalhos mais representativos do artista realizados anteriormente. Atento às especificidades da casa – nomeadamente o seu lado de representação social e as relações que promove entre construção e natureza – Tuttle apresentou na mostra várias obras inéditas, inspiradas por aquele contexto. *Memento, seven, chandelier* [Recordação, sete, lustre], de 2002, é uma delas, posteriormente integrada na Coleção de Serralves. Recorrendo a componentes simples de plástico, alumínio e madeira, o artista compõe um lustre que, na sua desafetação, contraria ironicamente o carácter ostentatório que associamos àqueles candeeiros suspensos – os lustres, recordemos, surgiram no fim do século XVII, como majestosos objetos que tinham a função de iluminar as enormes mesas de refeições nos jantares oferecidos pelos nobres; eram feitos a pedido e não eram comercializados. Este lustre, além de incorporar materiais que nos são absolutamente familiares, e que podemos adquirir em lojas

dedicadas à bricolagem e decoração, enfatiza, no seu aspeto esquemático, o papel central atribuído ao desenho por Tuttle.

Em 2009, para a sua exposição individual em Serralves, *Teoria da Fala*, **Pedro Barateiro** decidiu investigar as relações entre a "casa cor-de-rosa", os seus requintes arquitetónicos e decorativos, e as histórias absolutamente interrelacionadas da arte déco, do capitalismo e do colonialismo. A Fábrica Rio Vizela, uma das maiores fábricas têxteis da Europa no início do século XX – fonte de financiamento que permitiu ao seu proprietário, o Conde de Vizela, encomendar e construir a Casa de Serralves, entre o início dos anos 1930 e os primeiros anos da década seguinte –, atualmente em estado de ruína, foi o local que serviu de inspiração para a obra *Cenário para a representação da peça "O Ego da Cómoda", uma farsa para três personagens*, composta por uma cadeira trazida da fábrica, um vidro onde está gravada a sua planta e uma mesa de trabalho de onde sai um tubo de papel que evoca chaminés fabris. Como o nome da obra indica – e o título da exposição também deixa adivinhar – Barateiro associou o carácter teatral da arquitetura da casa à cenografia e à representação, tendo escrito um texto teatral cuja leitura ativa esta peça e em que três personagens encarnam vidro, cadeira e mesa.

Para **Nick Mauss**, o carácter cenográfico da Casa de Serralves também terá sido fundamental para a conceção das obras que aí apresentou. Como artista para quem cenografia, design de exposições e decoração comercial são formas inter-relacionadas e radicalmente inovadoras que emergiram e evoluíram em simultâneo (que não reconhece grande diferença entre um palco, uma exposição e uma mostra), a Casa foi claramente entendida como um grande palco. A sua decisão de apresentar desenhos de figuras em movimento no espaço mais central da casa, repleto de colunas e nervuras, é explicada pelo próprio artista,

quando afirma: “Ao percorrer a Casa, e observando outros visitantes explorando-a em tons sussurrados, recordei uma conferência a que assisti pela classicista Deborah Steiner, em que falou sobre o facto de a coluna na Grécia Antiga personificar os dançarinos do coro grego – as caneluras nas colunas são literalmente as pregas das suas vestes e a formação das colunas corresponde à formação dos dançarinos, movendo-se em sentido horário e anti-horário. Há algo verdadeiramente impressionante na clareza disto e no facto de a imagem de uma formação de dança se tornar na pegada de um templo”.

Esta *Viagem* pretende sublinhar o papel da Casa de Serralves na adoção por parte das primeiras direções artísticas de Serralves de filosofias singulares de programação e colecionismo – uma forma de simultaneamente escrever a história de Serralves e sublinhar o seu papel fundamental nos percursos dos artistas com que trabalhou ao longo das últimas três décadas, traduzido numa relação suficientemente especial para que muito frequentemente tenham sido produzidas e apresentadas (e adquiridas) obras inéditas.

O percurso continua no Parque de Serralves – onde os visitantes se podem confrontar com obras de alguns dos mais importantes artistas, portugueses e internacionais, com trabalho realizado especificamente para os locais onde são apresentados de forma permanente – e em duas extensões da exposição em locais que simbolizam a relação de Serralves com a cidade do Porto, por um lado, e com os visitantes estrangeiros que visitam o Museu, por outro: os Paços do Concelho da Câmara Municipal do Porto – onde são apresentadas obras de **Rui Chafes** (Lisboa, 1966) e **Matt Mullican** (Santa Mónica, EUA, 1951), e o Terminal de Cruzeiros de Leixões, onde podem ser vistas obras de **Tatjana Doll** (Steinfurt, Alemanha, 1970), **Katharina Grosse** (Freiburg, Alemanha, 1961) e **Adrian Schiess** (Zurique, Suíça, 1959).

A programação de Serralves sempre se relacionou estreitamente com o Porto, quer apresentando exposições de artistas e contextos culturais afirmados num dos centros de criação artística mais ativos em Portugal, quer através de mostras realizadas para alguns espaços emblemáticos da cidade. Esta exposição dá conta dessa história, ao mesmo tempo que se projeta num presente e num futuro em que Serralves é crescentemente visitado por viajantes interessados em conhecer a região norte de Portugal, o Porto e, na cidade, manifestações culturais contemporâneas, em que se inclui Serralves. Na interseção entre passado e futuro, entre natureza e construção, *Viagem ao Princípio: Ida e Volta*, exatamente como a famosa fita de Möbius, é uma viagem sem princípio nem fim. Todos a bordo!

VISITAS ORIENTADAS

21 JUL | Dom | 17h00

Por Joana Nascimento, educadora

22 SET | Dom | 12h00

Por Joana Nascimento, educadora

EXPOSIÇÃO

Curadoria: Marta Almeida, Isabel Braga, Ricardo Nicolau

Coordenação: Isabel Braga

Gestão da Coleção: Filipe Duarte

Registo: Helena Abreu

Restauração: Inês Mendes

Equipa de Montagem: Bruno Boaro, Carlos Cardoso, Hugo Castro, Ricardo Dias, Ruben Freitas, Carlos Lopes, Luís Magalhães, Valter Maior, Adelino Pontes, Artur Ruivo, Pedro Serrano, Lázaro Silva

Vídeo: Ana Amorim

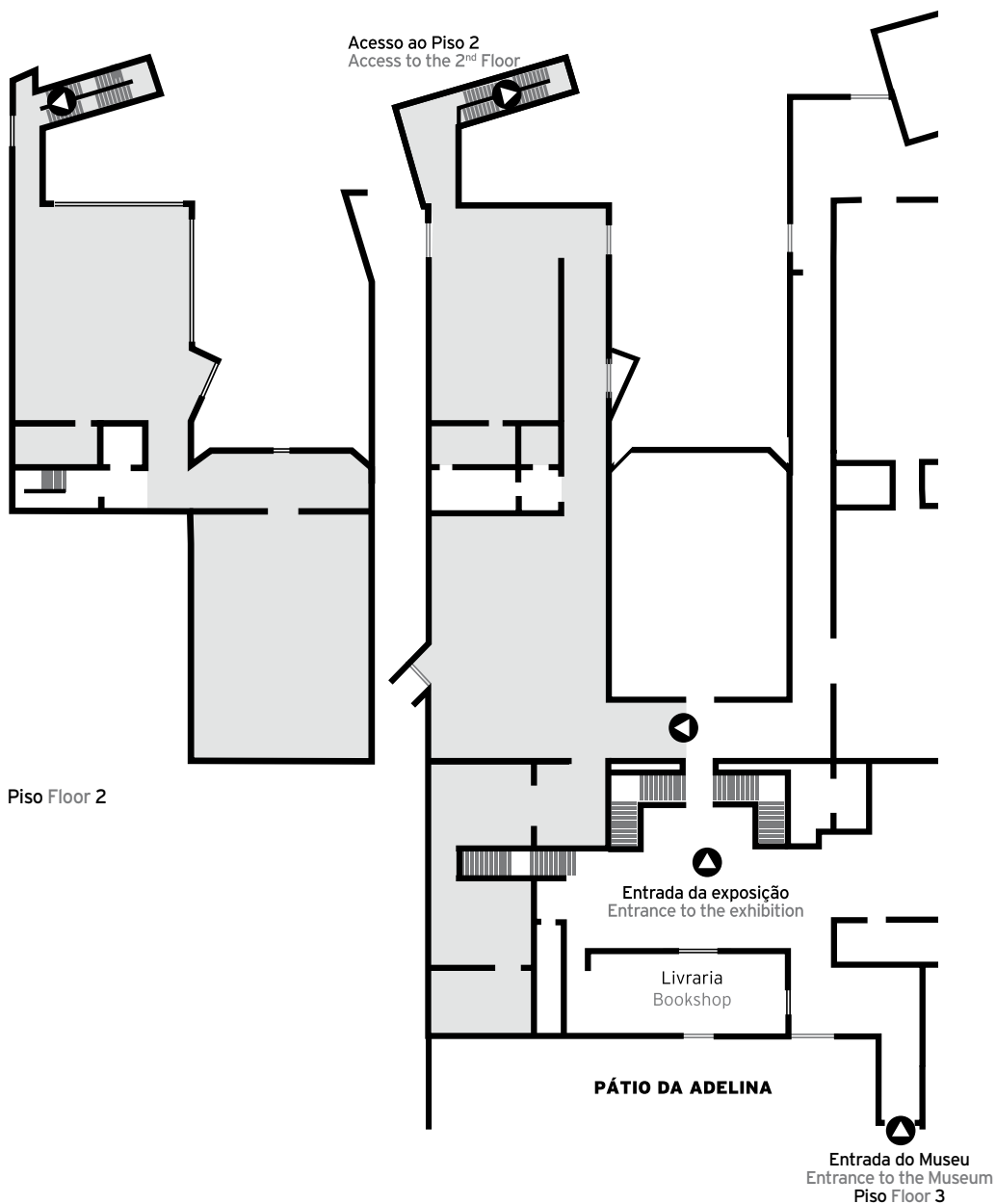
Som: Nuno Aragão

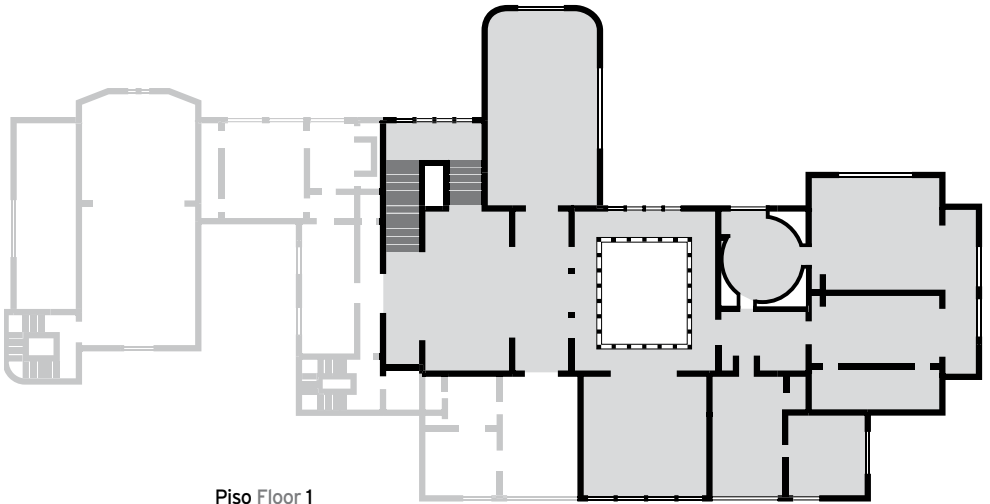
Serviço Educativo: Denise Pollini (Coordenação), Diana Cruz, Cristina Lapa

ROTEIRO

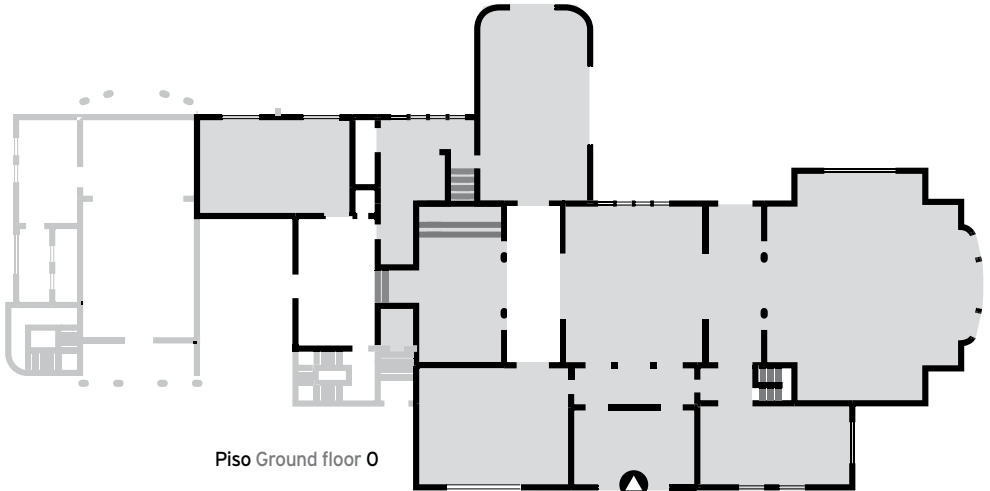
Edição: Gisela Leal

Tradução: Michael Greer





Piso Floor 1



Piso Ground floor 0

Entrada da
Casa
Entrance to the
Villa

VOYAGE TO THE BEGINNING AND BACK. 30 YEARS OF THE SERRALVES COLLECTION

This exhibition, marking the 30th anniversary of the Serralves Foundation, presents works that have a significant meaning and place in the origins and history of the Collection and Museum. They were either part of the seminal group of works brought together at the founding of Serralves; were specially created for the institution; were first publicly presented at the Museum; or, finally, were part of major solo exhibitions that were turning points both in the artists' careers, as well as in the history of the Foundation.

Voyage to the Beginning and Back, taking place at the Serralves Museum, Villa and Park, shows, first of all, some of the artists who have been linked to the Foundation since its beginnings and whose works became part of a collection put together by the then Secretary of State of Culture: **Álvaro Lapa** (Évora, 1939-2006, Porto), **António Dacosta** (Angra do Heroísmo, 1914-1990, Paris, France) and **Ângelo de Sousa** (Maputo, Mozambique, 1938-2011, Porto). At the same time, artists are exhibited who were presented at the Museum's inaugural exhibition in 1999, *Circa 1968* – 'manifest-exhibition', which set out the fundamental guidelines of Serralves' programming and whose works, largely acquired, would come to be the historical core of its collection: **Richard Serra** (San Francisco, USA, 1938), **Christian Boltanski** (Paris, France, 1944) and **Mangelos** (Šid, Serbia, 1921-1987, Zagreb, Croatia). This exhibition sees the latter two establishing a dialogue with new artists, whose works also explore ideas of archive and memory: **Mariana Silva** (Lisbon, 1983) and **Mathieu Kleyebe Abonnenc** (Cayenne, French Guiana, 1977). The first artist presents a project originally shown at the Serralves Museum in 2008, and which allows visitors to view archive images regarding street actions (demonstrations, collective wall paintings) in Portugal after the Carnation Revolution

(25th April, 1974). The second presents a film made for his solo exhibition at Serralves in 2012, through which one can reflect on the recent history of Portugal as a colonizing country (the last European country to leave the African continent, after 1974).

Another arranged dialogue includes paintings by **Joaquim Rodrigo** (Lisbon, 1912-1997), drawings and sculptures by **Alberto Carneiro** (São Mamede do Coronado, 1936-2017, Porto) and photographs by **Hamish Fulton** (London, UK, 1946). The work of these artists focuses on the idea of travel: the fact of producing works based on paths running through the landscape, allowing us to rethink how art relates to nature.

The city is, however, clearly to be seen in the photographs of **André Cepeda** (Coimbra, 1976), which we meet almost immediately after **Charlotte Moth's** *Study for a 16 mm Film*. These photographic series are the result of a commission made for the exhibition *Processo SAAL: Arquitetura e Participação 1974-76* [The SAAL Process: Architecture and Participation 1974-76], which was presented at the Serralves Museum of Contemporary Art in 2014. SAAL, the acronym for the *Serviço Ambulatório de Apoio Local* [Local Ambulatory Support Service], developed social housing projects in the Portuguese post-revolutionary period that were based on the active participation of the communities for which they were built. Cepeda photographed the current state of two neighbourhoods built as a result of this architectural project: São Victor, designed by Álvaro Siza Vieira, and Pedro Ramalho's Antas.

Further along the exhibition, we find works by **Pedro Cabrita Reis** (Lisbon, 1956) and **Charlotte Moth** (Carshalton, United Kingdom, 1978) that, in the museum's most illuminated gallery, ponder the relationship between art and light. Pedro Cabrita Reis presents a large panel made up of Plexiglas plates – an eminently reflective industrial

material; while Charlotte Moth shows a film produced for her 2011 exhibition, in which a wide variety of objects react to different kinds of illumination. The film was made during an artistic residency in Porto, and reflects, without actually showing images, the city that the artist was discovering at the time. Moth acquired these objects in second-hand shops, which then abounded in an area seen as a kind of time machine, where articles – as well as buildings, shops, small industries – now considered obsolete were still easily found.

Moving now from Porto to the north of Spain, but still focusing on photography, we find *Iberia* by **Augusto Alves da Silva** (Lisbon, 1963). Produced for his solo exhibition at the Serralves Museum in 2009, *Iberia* consists of the projection of photos taken by the artist when travelling by car along minor roads – those no driver looking for convenience and speed would use today. They therefore give us the chance to see a world our eyes are not accustomed to.

In the Serralves Museum, we can also see two works originally designed for concrete spaces within the Serralves Villa. **Miroslav Balka** (Warsaw, Poland, 1958) and **Luc Tuymans** (Mortsel, Belgium, 1958) produced *The Fence*, presented at the 1998 exhibition that brought the two artists together; and *Joana* by **Ana Jotta** (Lisbon, 1946), first shown in 2005 in her retrospective show organised by Serralves. *The Fence* summons up the horrors of World War II; *Joana* is a chandelier made of bottles that lends a rather pathetic character to a lighting device that we associate with distinction and luxury. The bottles are attached to bicycle rims suspended from the ceiling, so the work can also be read as an iconoclastic commentary on the canonical history of contemporary art, choosing as heroic, founding moments, two works by Marcel Duchamp associated with bicycle wheels and bottles: the *Bicycle*

Wheel from 1913, and the *Bottle Dryer*, from the following year.

These projects lead us to another ‘beginning’, the Serralves Villa – a 1930s art deco building – which was the setting for major solo exhibitions, both before and after the opening of the Museum in 1999. It proved, from the very start, to have a great influence on projects and works that were either inspired by its architecture and history, or were specially designed for its spaces. This exhibition presents some of the works in the sites of the Villa for which they were conceived, together with pieces previously presented in other places and now installed there, allowing for new interpretations and dialogues. Among the artists who designed projects specifically for the Serralves Villa are **Albuquerque Mendes** (Trancoso, 1953), **Richard Tuttle** (Rahway, USA, 1951), **Pedro Barateiro** (Almada, 1979) and **Nick Mauss** (New York, USA, 1980), who exhibited there in 2001, 2002, 2009 and 2017, respectively.

Albuquerque Mendes created a work – *Tango* – for the Villa that later became part of the Serralves Collection. *Tango* brought a fundamental part of his practice, performance (“Painting isn’t enough for me”, the artist has said), to an exhibition aiming to give a more global view of his work. Introduced on the day of the inauguration by a dance that left no room for interpretation, for the rest of the exhibition the work was a sculpture, or an empty stage, flanked by a monitor showing the videoed performance on a loop, in which a couple of tango dancers are led to the platform by Albuquerque Mendes and perform complex choreographies to the sound of famous tangos. After three tangos, the performance ends with the dancers leaving the ‘stage’ and the placement of an object that from then on will become part of the sculptural ensemble: a circular mirror with the exact measurement of the platform that, when placed on it, includes

all the spectators in the work. It really does take two to tango.

The **Richard Tuttle** exhibition, *Memento*, at the Serralves Villa in 2002 presented some projects specifically designed for its various spaces, besides a selection of the artist's most representative existing work. In keeping with the specificities of the Villa – namely its social status and the relationship it creates between construction and nature – Tuttle's show presented several new works inspired by the venue. *Memento, seven, chandelier* (2002) is one of them, later joining the Serralves Collection. Using simple components – plastic, aluminium and wood –, the artist produced a chandelier that, in its disaffection, ironically contradicts the ostentatious character we associate with those suspended lamps. Chandeliers emerged at the end of the 17th century as majestic objects lighting the huge dining tables at dinners offered by the aristocracy. They were made to order and not marketed. This chandelier, besides incorporating materials that are absolutely familiar to us, and which can be purchased in any shop specialising in DIY and decoration, schematically emphasizes the central role Tuttle attributed to the design.

In 2009, for his solo exhibition at Serralves, *Teoria da Fala* [Theory of Speech], **Pedro Barateiro** decided to investigate the relationship between the 'pink villa', its architectural and decorative refinements, and the absolutely interrelated stories of art deco, capitalism and colonialism. The Rio Vizela Factory, one of the largest textile factories in early 20th century Europe, was a source of funding that allowed its owner, the Count of Vizela, to order and build the Serralves Villa, between the early 1930s and early 1940s. Now in a state of ruin, the factory inspired Barateiro's work *Cenário para a representação da peça 'O Ego da Cómoda', uma farsa para três personagens* (A Set Design for performing the play 'The

Ego of the Chest of Drawers', a Farce for Three Characters). The art work is made up of a chair brought from the factory, a pane of glass where the plan of the factory is engraved, and a work table from which a paper tube rises, evoking factory chimneys. As the name of the work indicates – and the title of the exhibition also lets us guess – Barateiro associated the theatrical nature of the Villa architecture with set design and acting, having written a theatrical text whose reading animates this piece and in which three characters embody glass, chair and table.

For **Nick Mauss**, the scenographic character of the Serralves Villa was also fundamental when creating works to be presented there. As an artist for whom scenography, exhibition design and commercial decoration are interrelated and radically innovative forms that emerged and evolved simultaneously (Mauss does not see much difference between a stage, an exhibition and a shop window), the Villa was clearly seen as a big stage. His decision to present pictures of moving figures in the most central space of the Villa, full of columns and ribs, is explained by the artist himself: "Walking through the Villa, and observing other visitors exploring it in hushed tones, I recalled a lecture I went to by the classicist Deborah Steiner, in which she spoke about the fact that the column in ancient Greece embodied the dancers of the Greek chorus – the flutes in the columns are literally the pleats of their robes, and the formation of the columns corresponds to the formation of the dancers, moving clockwise and counter-clockwise. There is something truly impressive about the clarity of this and the fact that the image of a dance formation becomes the footprint of a temple".

The aim of this *Voyage* is to highlight Serralves Villa's role in the Foundation's first artistic directorates adopting very particular programming and collecting philosophies. It is a way of simultaneously writing Serralves'

history and emphasizing its fundamental part in the careers of the artists with whom it has worked over the last three decades, creating a sufficiently special relationship for new works to have been frequently produced and presented (and purchased).

This collaboration continues in the Serralves Park – where visitors can meet works by some of the most important Portuguese and international artists. The pieces were specifically created for the places where they are permanently on show – and in two extensions of the exhibition in places symbolising the relationship between Serralves and both the city of Porto, as well as the foreign visitors who come to the Museum: the Porto City Hall, which has works by **Rui Chafes** (Lisbon, 1966) and **Matt Mullican** (Santa Monica, USA, 1951); and the Leixões Cruise Terminal, where works by **Tatjana Doll** (Steinfurt, Germany, 1970), **Katharina Grosse** (Freiburg, Germany, 1961) and **Adrian Schiess** (Zurich, Switzerland, 1959) can be seen.

Serralves' programming has always been closely related to Porto, presenting artist exhibitions and cultural events in one of Portugal's most active centres of artistic creation; as well as through shows held at some of the city's most emblematic spaces. The exhibition tells this story, while also projecting itself into a present and future in which Serralves is increasingly visited by travellers interested in getting to know the northern region of Portugal, Greater Porto and, in the city itself, contemporary cultural manifestations that include Serralves. At the intersection between past and future, between nature and construction, *Voyage to the Beginning and Back*, just like the famous Möbius tape, is a voyage without beginning or end. All aboard!

GUIDED TOURS

21 JUL | Sun | 5 pm

By Joana Nascimento, educator

22 SEP | Sun | 12 pm

By Joana Nascimento, educator

EXHIBITION

Curated by: Marta Almeida, Isabel Braga, Ricardo Nicolau

Coordination: Isabel Braga

Collection Manager: Filipe Duarte

Registrar: Helena Abreu

Restoration: Inês Mendes

Installation Team: Bruno Boaro, Carlos Cardoso, Hugo Castro, Ricardo Dias, Ruben Freitas, Carlos Lopes, Luís Magalhães, Valter Maior, Adelino Pontes, Artur Ruivo, Pedro Serrano, Lázaro Silva

Video: Ana Amorim

Sound: Nuno Aragão

Educational Service: Denise Pollini (Coordinator), Diana Cruz, Cristina Lapa

EXHIBITION GUIDE

Copy-editing: Gisela Leal

Translation: Michael Greer

VISITAS ORIENTADAS ÀS EXPOSIÇÕES GUIDED TOURS TO THE EXHIBITION

Realizar uma visita orientada permite aprofundar o conhecimento e a vivência das exposições a partir de percursos desenvolvidos pelos educadores do Serviço Educativo.

The guided tour provides a unique framework and context, allowing visitors to become more familiar with contemporary artistic production.

Acesso: Mediante aquisição de ingresso Museu+Parque

Access: Museum+Park admission ticket

PT	PT
Dom 12h00–13h00	Sun 12 p.m.– 1 p.m.

VISITAS PARA ESCOLAS TOURS FOR SCHOOLS

Sujeitas a marcação prévia, com uma antecedência mínima de 15 dias.

Para mais informações e marcações, contactar (2ª a 6ª feira, 10h-13h/14h30-17h) Minimum two-week advance booking is required. For further information and booking, please contact (Monday to Friday, 10 a.m.–1 p.m. and 2:30–5:00 p.m.)

Cristina Lapa: ser.educativo@serralves.pt
Tel. (linha direta/direct line): 22 615 65 00
Tel: 22 615 65 46
Fax: 22 615 65 33

Marcações online em Online booking at
www.serralves.pt

www.serralves.pt

[f /fundacaooserralves](https://www.facebook.com/fundacaooserralves)

[t /serralves_twit](https://twitter.com/serralves_twit)

[ig /fundacao_serralves](https://www.instagram.com/fundacao_serralves)

[yt /serralves](https://www.youtube.com/channel/UC...)

LOJA SHOP

Uma referência nas áreas do design, onde pode adquirir também uma recordação da sua visita.

A leading retail outlet for the areas of design, where you can purchase a souvenir to remind you of your visit.

Todos os dias Everyday: 10h00–19h00

loja.online@serralves.pt

www.loja.serralves.pt

LIVRARIA BOOKSHOP

Um espaço por excelência para todos os amantes da leitura.

The perfect place for all book lovers.

Ter Tue–Dom Sun–Fer Holidays: 10h00–19h00

Seg Mon - Encerrado Closed

BAR

Onde pode fazer uma pausa acompanhada de um almoço rápido ou um lanche, logo após à visita às exposições.

In the Bar of Serralves Auditorium you can take a break, with a quick lunch or snack, after visiting the exhibitions.

Todos os dias Everyday: 10h00–19h00

RESTAURANTE RESTAURANT

Desfrute de um vasto número de iguarias e deixe-se contagiar pelo ambiente que se faz viver com uma das mais belas vistas para o Parque.

Enjoy a wide range of delicacies and allow yourself to be captivated by the environment associated to one of the most beautiful views over the Park.

Seg Mon–Sex Fri: 12h00–19h00

Sáb Sat–Dom Sun–Fer Holidays: 10h00–19h00

restaurante.serralves@ibersol.pt

CASA DE CHÁ TEAHOUSE

O local ideal para a sua pausa do ritmo cittadino ou para o descanso de uma visita pelo Parque.

The ideal place to take a break from the bustling city or rest during a visit to the Park.

Seg Mon–Sex Fri: 12h00–18h00

Sáb Sat–Dom Sun–Fer Holiday: 11h00–19h00



Fundação de Serralves
Rua D. João de Castro, 210
4150–417 Porto – Portugal

serralves@serralves.pt

General line:
(+ 351) 808 200 543
(+ 351) 226 156 500

Apoio institucional
Institutional support



Media Partner



Mecenas Exclusive of the Museum
Exclusive Sponsor of Museum

